

Uma Teologia Cristã - ou Filosofia - com base na Religião Judaica Original

Compilado por ocasião de ANTICA NAMUR 2021



*La Danse - Charles Samuel (1862 - 1935), Ecole belge 1913
comprados de: P. Janssens van der Maelen, Bruxelas 2020*

Com dois apêndices: p. 2 sobre a religião judaica original e p. 12 sobre a forma como os jovens e especialmente as raparigas com a sua predisposição para uma moral elevada são enviados - culturalmente - na direcção errada.

Nota: O conceito é destinado principalmente aos jovens. E para eles tenho de entrar em pormenores e escrever tudo muito claramente, porque se eu não o fizer, eles voltarão a enganar-se em tudo!

A religião judaica original é a religião iluminada intemporal por excelência Jesus tinha encontrado aqui uma decadência gritante.

Muito claramente, um tal abuso, que este construtor de casas Jesus tinha encontrado, não foi de todo permitido, especialmente na religião judaica! Porque só a religião judaica é, no entanto, a única religião que aqui valoriza concepções em particular também para a situação da mulher que são absolutamente positivas e que nenhuma outra religião o tem para oferecer!

Contudo, a religião judaica não era originalmente uma religião, mas uma atitude muito esclarecida e humana para com a vida, mesmo no nosso sentido moderno. Refiro-me também ao epílogo. Tudo se tornou uma religião típica apenas quando a atitude para com a vida foi esquecida ou suprimida, provavelmente porque aqueles que em breve estavam no comando tinham mais vantagens dessa forma (como acontece em todas as religiões em algum momento). De qualquer forma, a religião judaica original (ou apenas atitude em relação à vida) é a única religião (para usar o termo "religião" aqui de qualquer forma):

■ **Que é sobre a verdadeira monogamia** . O que se pretende é a monogamia que não é forçada, mas que acontece e se esforça por ser completamente voluntária e com alegria e que também não é vivida apenas após o casamento, mas a monogamia que também é realmente genuína, que existe apenas um parceiro sexual em toda a vida (excepto em caso de viuvez). Portanto, isto significa que não se trata apenas de viver nesta monogamia, mas também já se trata da preparação, renunciando aos impulsos antes do casamento. Assim, a moralidade da monogamia deve poder ser tornada suficientemente atraente para ser desejável para os jovens.

■ E se esta monogamia é realmente vivida em geral, então também a visão de uma harmonia de pessoas sem medos e numa humanidade sem nuvens é realizada, concretizada pela **utopia paradisíaca da nudez**. A história paradisíaca da Bíblia nunca é assim e nunca deve ser considerada como um acontecimento histórico (tal como outras histórias iniciais como a história da criação não o são). Certamente nunca foi visto como "literal" pelos autores que o escreveram talvez há 3000 anos atrás, como nos foi ensinado nas nossas aulas de religião infantil no passado e como algumas seitas ainda o vêem e ensinam hoje. É antes uma história contra a prostituição em cultos de fertilidade em honra das divindades que eram comuns na altura em que a história foi escrita (ver p. 50) - tal divindade de fertilidade está por detrás da da serpente. "Adoração" através de relações sexuais, claro, também significa uma violação da utopia da verdadeira monogamia, e a consequência disto é "partes do corpo a esconder a vergonha" (PdCaEaV para abreviar). Isto significa também que a afirmação da narrativa de Adão e Eva é que uma vez realizada a utopia da verdadeira monogamia, esta vergonha torna-se desnecessária. A crença em Deus é bastante secundária a isto. Pois um deus foi basicamen-

te construído apenas para ter uma autoridade para o seu próprio povo por detrás da ideia de monogamia, e para ter um argumento contra os outros deuses que estes pequenos cultos humanos supostamente tinham de ser para adorar.

■ A religião judaica é sobretudo a única religião em **que a mulher também tem direito à experiência do orgasmo**. Para que a verdadeira monogamia funcione realmente, é claro que é importante que a mulher também atinja a realização em matéria sexual, ou seja, que também experimente o orgasmo. Isto não significa orgasmo, como vê o psicólogo Wilhelm Reich, que pode ser alcançado com todo o tipo de truques técnicos, mas sim um orgasmo que surge quase espontaneamente da harmonia ou também da afinidade das almas de duas pessoas, ou seja, apenas com os toques mais leves e sobretudo sem penetração, em princípio mesmo totalmente revestido. (Nota: Este orgasmo também deve ser um objectivo pela primeira vez hoje, porque de acordo com informações do jornal DIE WELT, pelo menos dois terços de todas as mulheres nunca experimentam um orgasmo!)

Se esta não é uma grande religião, que na altura era pensada contra as religiões desumanas e que hoje teria o material para ultrapassar todas as outras religiões, que no fim de contas são muitas vezes suficientes apenas cultivos de traumas sofridos aliados ao folclore e à superstição (aos quais vêm depois os interesses comerciais e as estruturas de poder e a necessidade de demarcação dos outros)! No entanto, tenho a impressão de que normalmente até os judeus não fazem a menor ideia sobre isto.

Agora o problema na época de Jesus era que esta "religião original" judaica já estava na sua época muito obviamente "enterrada" ou pelo menos em grande parte caída no esquecimento e por isso também ninguém das autoridades, que na altura tinha uma palavra a dizer, se importava mais com ela. A religião judaica estava em grande parte congelada no culto - e o abuso sexual quase se tinha tornado a norma. Assim, este construtor de casas ou empreiteiro Jesus (para "empreiteiro" ver ponto seguinte) deve ter-se deparado com isto e ter visto uma discrepância gritante entre a reivindicação e a realidade da religião judaica e tentou trazer a religião original de volta à vida. Deve ter corrido muito bem com os seus companheiros normais, mas deve ter havido muitos outros que não tinham absolutamente nenhum interesse nisso mesmo.

De qualquer modo, com os meus conhecimentos como teólogo e após 30 anos de experiência profissional como professor, tentei combinar os ideais da velha utopia judaica num conceito positivo neste trabalho aqui, de modo a que sejam acessíveis aos jovens. Porque os jovens ainda têm ideais de tal utopia e gostariam de os viver, se ao menos soubessem como.

E acho que não estou muito mal aqui, vejam a segunda parte deste número! No entanto, infelizmente, nem tudo estava ainda completamente desenvolvido quando eu era professor.

PORTUGUÊS: Deus também escreve directamente em linhas tortas: Através de oponentes de fé ao verdadeiro Jesus.

Uma teologia e um conceito de fé de acordo com o verdadeiro Jesus - julgue por si mesmo!

O verdadeiro Jesus era provavelmente mais um típico jornalista de investigação (como diríamos hoje) - e também teve de morrer por causa disso. Posteriormente, foi perfeitamente falsificado, por assim dizer, pelos seus opositores.

Há bastantes críticos, tanto das igrejas como da fé cristã em geral, que dizem que toda a religião cristã é uma fantasia vazia, que é, portanto, mais ou menos fictícia, que é basicamente mentira e fraude.

Estas críticas saltam obviamente para cima dos teólogos e outros representantes das igrejas, em grande medida ou mesmo na maior medida possível - muitas vezes parecem não lhes dar qualquer atenção e por isso também não se preocupam com eles. Continuam como se tudo o que pesquisam e proclamam estivesse em terreno sólido.

Mas penso que entre estes críticos da religião cristã e da igreja há cientistas bastante sérios que devem ser definitivamente levados a sério. Não será talvez mesmo de acordo com uma boa fé em Deus confiar que algo de positivo sairá dela para a nossa fé e, portanto, também para a Igreja, se nos envolvermos com tais críticos que devem ser levados a sério?

Estou a pensar aqui em três deles em particular:

1. Karlheinz Deschner (1924-2014), que afinal de contas estudou teologia, filosofia, literatura e história - e também obteve um doutoramento. No seu livro "Der gefälschte Glaube - Die wahren Hintergründe der kirchlichen Lehren" (A Fé Falsa - Os Verdadeiros Antecedentes dos Ensinamentos da Igreja) descreve (tal como outros, a propósito) que a maioria dos conteúdos da fé



E aqui estão três imagens para ilustrar a tese de que a maioria das crenças da nossa religião são plágio:

Mosaico "Europa com Zeus vestido de touro" encontra-se no Museu Nacional de Nápoles. Não preciso de imprimir uma imagem da história paralela no Novo Testamento da "Anunciação de Maria".

são plágios de antigas religiões não cristãs, tais como o nascimento virginal ou a procriação por um pai divino, a filiação de Deus, a função redentora de um filho de Deus, os milagres, até mesmo a crucificação de um deus, a ressurreição dos mortos e a ressurreição, as celebrações de culto com pão e vinho.



Ísis sob a forma de um pássaro no despertar de Osiris, que tinha perecido na luta contra o mal e depois passou três dias a visitar as almas dos mortos no submundo - alívio no templo mortuário de Sethos I em Abydos (Egipto) - a história da ressurreição de Jesus não é, portanto, nada de novo.



O relevo da Ascensão do Imperador Antonius Pius e da sua esposa Faustina está nos Museus do Vaticano (fotografei o molde de gesso no Museu Romano-Germânico em Mainz). Mais uma vez, conhece certamente pinturas da Assunção de Jesus e ainda mais de Maria.

2. O indólogo dinamarquês Christian Lindtner (1949 - 2020) com os seus conhecimentos profissionais de grego e latim e das antigas línguas indianas sânscrito e pali. No seu livro "Segredos de Jesus Cristo", Lindtner descreve como o Novo Testamento é, obviamente, em grande parte um plágio dos antigos textos budistas indianos - "proxenetismo" com "inserções" das mitologias típicas do Ocidente e também do judaísmo. Lindtner explica isto dizendo que os monges budistas queriam criar um budismo para o Ocidente, mas estavam apenas interessados na filosofia budista e assim construíram este budismo numa "estrutura" (externa) que era comum no Ocidente. O

"herói budista" no budismo para o Ocidente é portanto um Jesus inventado pelos budistas, e assim Lindtner chega à quintessência "Jesus é Buda". Mais sobre Christian Lindtner em <https://unser-mitteuropa.com/in-memori-am-dr-phil-christian-lindtner-1949-2020/> (ou mais fácil de pesquisar escrevendo no google: "Christian Lindtner" e "Our Central Europe").

3. O estudioso judeu-inglês do Talmud Hyam Maccoby (1924-2004), que foi mais recentemente professor no Centro de Estudos Judaicos da Universidade de Leeds. No seu livro "The Mythmaker", Maccoby assume este "recém-chegado" Paulo - e descreve, entre outras coisas, como ele transferiu as "histórias" e os ritos conhecidos desde a sua infância em Tarso, um centro principal do culto por vezes sangrento Attis e Adonis, para Jesus e assim criou uma religião completamente nova que não tem nada ou pelo menos não tem muito a ver com o verdadeiro Jesus. Assim, tal como Lindtner diz "Jesus é Buda", Maccoby diria - vagamente baseado em Paulo - "Jesus é Attis".

O que estes três cientistas críticos descobriram seria de facto o golpe fatal para a nossa fé cristã. Afinal, ele gira em torno dos ensinamentos mais importantes que constituem a nossa fé.

Mas não é o fim do dia!

A dica decisiva sobre o que Jesus era e com que estava comprometido e porque foi morto tão cruelmente, surpreendentemente recebi de um vizinho, um agricultor, na Knolleburekaff ("aldeia dos agricultores de beterraba sacarina") a oeste de Colónia (eles cultivam ainda mais do que a beterraba sacarina) onde eu vivo. Uma vez tinha alugado um dos seus apartamentos na "pedreira" convertida nos campos a um chulo, um profissional no demimonde, e teve uma conversa com ele sobre o seu "campo de negócios". E quando ele falou comigo a dada altura, chegámos à conclusão de que a famosa história de Jesus salvando um pecador do apedrejamento no Evangelho de João é claramente uma história de castigo do demónio. Pois quando é que acontece que uma mulher é apanhada em flagrante delito "fazendo tal coisa" - e que há dois "apanhadores" que depois correm directamente para o tribunal, sabendo que isto significa a pena de morte para a mulher apanhada? Isso nunca acontece de qualquer forma, a menos que algo seja deliberadamente arranjado aqui. Jesus sabia certamente tudo isto. Pois ele era - presumivelmente do seu trabalho anterior como construtor de casas num grupo de construção familiar em toda a região - também amigo de prostitutas e cobradores de impostos (ou melhor, cobradores de impostos) e certamente também tinha falado com eles sobre os seus problemas. E daí aprendeu, por exemplo, como as mulheres eram chantageadas para a prostituição - de acordo com o "procedimento de duas testemunhas" da história da bela Susanna no apêndice do Livro de Daniel: "Ou fazes sexo connosco (o que na altura significava entrar na prostituição) ou, se recusares, então denunciar-te-emos ao tribunal e diremos que te apanhámos a fazer sexo com um jovem, mas ele escapou, então serás executado". Assim, uma mulher atraente tinha

apenas a opção da prostituição ou da morte contra tais homens - portanto, sem qualquer hipótese. E no caso da pecadora do Evangelho de João, a situação era obviamente algo diferente: ela era certamente uma prostituta e tinha de alguma forma quebrado as regras da sua "profissão" - não sabemos o que isso era, mas não é importante - e agora devia ser punida por isso. Talvez ela tivesse escondido os seus ganhos correctos e não os tivesse entregue correctamente? Talvez ela também tivesse ouvido falar dos discursos de Jesus e quisesse deixar a sua profissão? Por isso, os seus "protectores" (ou proxenetas) tinham-no arranjado para que fosse apanhada a fazer sexo com um pretendente (era uma história arranjada, pelo que o pretendente conseguia escapar sem ser reconhecida) e devia, portanto, ser punida - especialmente como um aviso para "as outras mulheres dos protectores", para que não fizessem também tais disparates...



Se interpretar correctamente o quadro "Jesus e o Pecador", o pintor Lucas Cranach, o Ançião (1472-1553), tinha a mesma visão da narrativa no Evangelho de João que eu, ou seja, que se trata de uma história criminosa. Acho que não se pode pintar com mais clareza se se pen-

sar que os aspirantes a pedrados são criminosos, pelo menos não parecem moralistas abafados. E os dois "sábios cavalheiros mais velhos" atrás à direita são os típicos teólogos e filósofos (e provavelmente também a maioria dos jornalistas) que sempre só vêem a superfície e não (querem) saber o que realmente se está a passar. Desta forma, os criminosos podem continuar a fazer o que quiserem e como quiserem. Um quadro fascinante! Já sei porque é que mandei pintar isto para mim no Vietname!

Agora Jesus tinha testemunhado este comportamento brutal - e denunciou-o em discursos públicos: "Contra o pecado, contra os hipócritas, por amor". Assim, ele tinha assumido o demimondé obviamente muito poderoso, hoje diríamos "mafioso". Por isso, teve de morrer por isso.

Assim, Jesus não foi um fundador da religião como o NT o descreve, mas

algo como um jornalista de investigação como os jornalistas de investigação Peter R. de Vries (Holanda), Ján Kuciak e a sua noiva Martina Kusnirova (Eslováquia), Daphne Caruana Galizia (Malta) e Jamal Khashoggi (Arábia Saudita) no nosso tempo. Assim, tinha descoberto sobre as maquinações criminosas relacionadas com a prostituição e o dinheiro (os campos de negócios típicos da máfia, os funcionários das autoridades participaram ou olharam para o lado) "no local" e depois, na ausência dos meios de comunicação social habituais de hoje, tornaram-no público em discursos públicos - que mais tarde se tornaram sermões mais ou menos piedosos, que não magoaram ninguém.

Então, como surgiu o "Novo Testamento plagiado"? O assunto é de facto bastante simples, uma vez que se tenha chegado à ideia do demimonde contra o qual Jesus se tinha comprometido. Pois com a morte de Jesus, as ideias de Jesus não tinham também morrido, claro, ele tinha falado publicamente o tempo suficiente e por isso também tinha seguidores. E após a sua morte, alguns deles começaram a continuar no seu espírito. Os adversários de Jesus não gostaram nada disso. Mas como é que eles devem fazer para "acalmar" eficazmente a preocupação de Jesus? Conhecemos hoje um problema semelhante com a eliminação de ficheiros em discos rígidos de computadores. Se os apagar com um clique na função "apagar", o conteúdo ainda está lá, mas já não o consegue encontrar. Mas existem programas para os encontrar de novo. Algo só é realmente apagado quando o conteúdo a ser apagado é substituído por um novo conteúdo. E foi assim com o compromisso de Jesus - foi por isso que foi substituído por um "novo conteúdo" - ou seja, com um conceito de todos estes plágios de outras religiões que conhecemos hoje como o "Novo Testamento". Assim, o Novo Testamento não é uma escrita publicitária e edificante PARA o verdadeiro Jesus, mas uma engenhosa manobra de diversão CONTRA o verdadeiro Jesus e a sua causa - com os meios da época, pois existiam estes plágios das histórias dos deuses e do budismo.

E este "recém-chegado" Paulo desempenhou obviamente um papel de liderança nesta eliminação e reescrita, porque teve a ideia de fazer da morte de Jesus na cruz uma morte sacrificial desejada por ele próprio - para a redenção da humanidade a partir de qualquer....

Isto também significa que os três críticos da nossa religião citados no início deste artigo estão completamente certos nas suas críticas - só a solução do problema pode parecer um pouco diferente do que eles tinham imaginado.

Pode encontrar mais detalhes sobre isto e, acima de tudo, sobre o que a descoberta do verdadeiro Jesus significa para nós hoje em dia na Internet em "ideologia de Jesus" no website www.michael-preuschhoff.de - também em várias línguas.

Mas já consigo ouvir os críticos a dizer: Assumindo que a história do pecado de João 8 é de facto uma história de castigo de meio mundo, é portanto uma

prova circunstancial para o verdadeiro Jesus. Mas como se pode atirar toda a teologia tradicional borda fora com base numa única peça de prova circunstancial? A isto só posso observar que num caso pouco claro se pode reconstruir perfeitamente um caso a partir de uma única boa prova circunstancial! E o caso de Jesus é realmente extremamente pouco claro - ninguém sabe, por exemplo, quem escreveu o Novo Testamento (em qualquer caso, não foram os discípulos de Jesus ou outros que experimentaram Jesus pessoalmente), porque é que foi escrito e como foi trazido "entre o povo".

E sobretudo: com o regresso ao compromisso do verdadeiro Jesus - ou seja, a uma "ideologia de Jesus" - a nossa religião pareceria obviamente completamente diferente, deixaria de ser uma religião de sacerdotes e estudiosos, uma religião de dogma e fé, e assim também deixaria de ser uma religião de poder e dominação, cujos objectivos principais são o perdão e o conforto na vida após a morte, mas uma atitude altamente ética em relação à vida com regras razoáveis do jogo. E estas regras razoáveis seriam tais que todos as poderiam aceitar, especialmente no que diz respeito à moralidade sexual. No entanto, teriam de ser ensinadas desde a infância. Por "todos" entendo também os muçulmanos - de acordo com a minha experiência como professor, são precisamente as suas raparigas que estão mais interessadas. Não podemos chegar aos "velhos" de qualquer maneira - mas podemos chegar aos jovens! É claro que é difícil para nós alcançá-los em geral, mas se conquistarmos os nossos jovens cristãos, então a palavra vai circular - e especialmente na nossa era da Internet - também entre os jovens muçulmanos!

E aqui está algo da realidade da vida actual: como, em vez de uma idiotice de género da linguagem, as mulheres e as raparigas podem realmente ser actualizadas.

Na verdade, já se falou o suficiente sobre o problema do género: Esta remodelação é, afinal de contas, uma completa absurda e totalmente supérflua e muitas vezes até ridícula bastardização da língua alemã. É suposto trazer (como a palavra mágica abracadabra) mais justiça de género e, assim, uma maior valorização das mulheres. Mas a experiência é que isto simplesmente não funciona com uma tal "linguagem de palavras mágicas", uma língua simplesmente não pode alcançar tal actualização - porque é sempre o contrário: uma realidade alterada provoca - se é de todo necessário - uma mudança na língua. Por isso, temos de nos preocupar em mudar a realidade de uma forma diferente!

E com a igualdade de género, mais uma vez uma nova porca está a ser pastoreada através da aldeia - com o objectivo de manter tudo igual no que realmente importa e no que precisa de ser mudado! E é provavelmente assim também noutros países - com quaisquer "outras porcas" que, na realidade, são ineficazes para uma verdadeira valorização das mulheres.

O que quero dizer é talvez melhor expresso numa conversa com a mãe de

um aluno que tive relativamente pouco depois do início da minha "carreira" como professor numa escola profissional, por ocasião de uma conferência de pais e mestres: há muitos anos, ela tinha-me perguntado numa conferência de pais e mestres sobre o objectivo da minha educação religiosa. Eu respondi, de forma um pouco flácida: "As raparigas são todas uma espécie de esquizofrénicas. Ela: "???" Eu: "Bem, eles estão apavorados com o inofensivo e paradisíaco, onde também poderiam adquirir um conhecimento útil da natureza humana e inspirar os homens que querem estar bem com uma bela moralidade, nomeadamente "nus na praia". Mas o problema, nomeadamente o sexo com parceiros demasiadas vezes questionáveis, que por vezes também lhes causa traumas para toda a vida, é o que eles querem e fazem". "E", disse a mãe, "o que queres fazer agora"? Eu: "Que as raparigas façam uma a outra". A mãe: "Se consegues fazer isso, és boa!"

Sim, o que está realmente a acontecer aqui?

A questão é que nós humanos somos por natureza seres altamente morais, especialmente em questões sexuais - e que desde a nossa juventude, especialmente as raparigas. E uma vez que não lhes é ensinada qualquer moral explícita - também para isso lhes foi dado o seu cérebro por natureza - adoptam a moral que é comum na sua sociedade, e que é a pseudo-moralidade da hostilidade para com o corpo, pelo que aprendem desde a infância a ter vergonha do seu corpo. Porque especialmente as partes que as distinguem do sexo oposto são obviamente algo que um prefere não mostrar aos outros, o que significa que devem ser algo mau.

Daí a vergonha! Mas a vida continua - e a certa altura o sexo oposto também é de interesse. Na verdade, seria suficiente para os jovens, que estão sempre numa espécie de "fase de namoro", encontrar o parceiro certo para eles, ver e mostrar - por outras palavras, um jogo completamente inofensivo para se conhecerem uns aos outros. Mas isto não é possível - tal comportamento inofensivo é impossibilitado pela educação para a hostilidade corporal ou mesmo para a vergonha. Pois a libertação da vergonha seria um costume de prostituta - e não se é prostituta e não se quer ser prostituta. Porque isso iria contradizer a alta moral ...

Então, o que fazer? Uma vez que as relações sexuais têm de acontecer um dia, e uma vez que, como todos dizem, não funciona bem com todos, as raparigas dizem para si próprias: "Então vamos a isso! Afinal, as relações sexuais são parte da autodeterminação sexual e um sinal de emancipação bem sucedida. E todos falam de ser completamente normal e mesmo necessário - também como um sinal de que é saudável. Por isso, iniciam-no - e muitas vezes com parceiros que são realmente inaptos - como foi o tema da conversa com a mãe.

Mas esta torção da moral, o que é na realidade diversão inofensiva e algo completamente natural (se o fizéssemos correctamente) e o que não é tão inofensivo, e o que deve ou não ser feito pelos jovens, dependendo da

situação, é virar a moral sexual de pernas para o ar nas nossas civilizações. Na época de Jesus, raparigas e mulheres jovens com um elevado nível de energia criminosas eram dissuadidas da sua moral naturalmente elevada por métodos criminosos - hoje são programadas com indiferença e falta de empatia através da manipulação de uma pseudo-moralidade. Para pôr algo aqui mesmo - a começar pelos jovens - e para se envolver, essa seria a tarefa de uma religião - depois da ideologia de Jesus. Isto levaria a uma autodeterminação sexual bem sucedida e a uma verdadeira emancipação, especialmente para as raparigas e, portanto, para as mulheres mais tarde na vida - se, por um lado, elas superarem a sua hostilidade para com o corpo e, por outro lado, só tiverem relações sexuais onde elas pertencem por natureza, nomeadamente na família (porque as crianças podem nascer no processo - e as crianças pertencem a uma família)!

E quanto à vergonha, isso só vem do facto de não vivermos a nossa moralidade natural - que é monógama. E, se vivêssemos isso, a vergonha desapareceria automaticamente, por assim dizer. A forma de alcançar esta moralidade natural é tornar as raparigas mais astuciosas neste sentido!



Um dos ideais de Lukas Cranach, o Ancião, que era simultaneamente pintor e humanista, era que a moralidade e a nudez pertencessem a ambos, de facto que talvez a verdadeira moralidade só seja possível se também for combinada com a nudez (apenas onde couber, é claro). Um excelente exemplo desta combinação é o retrato da cidadã romana Lucretia, mesmo que o seu destino tenha sido triste. Ela tinha sido violada e sofreu tanto com esta terrível experiência, da qual ela própria era inocente, mas

com a qual já não queria viver - que se suicidou. Ela foi, portanto, considerada pelos romanos como sendo o epítome da moralidade. E foi neste sentido que Lucas Cranach, o Ancião, a pintou.

Mas tendo em conta esta manipulação grandiosa, o disparate da vergindade é também um perfeito engano vermelho. Mais sobre isto em www.michael-preuschoff.de, especialmente o livro em linha "Jesusideologie".

Michael Preuschoff, Dipl.-Theol. e professor de religião da escola profissional reformado. E-Mail: hpreuschoff@gmx.de

traduzido do alemão por www.deepl.com

VENUSDIENST

Karin Freiwald – meine Jahre als Hure



Offene Worte
über die Sexarbeit

Mit historischen Streiflichtern
zu »Liebe, Lust und Laster«



Karin Freiwald – links oben wenige Monate vor dem Beginn ihrer Sexarbeit, rechts oben ihr »Werbefoto« im Clubbordell.
Links: Im ersten Jahr als Prostituierte.



In ihrer autobiographischen Erzählung schildert Karin Freiwald mit beachtlichem Bekennermut den Werdegang zur Hure und erinnert sich an die eindrucksvollsten Erlebnisse und Erfahrungen während der Zeit als Sexarbeiterin. Sie ermöglicht den Lesern einen tiefen Blick in die eigentümliche Welt der Prostitution.

Fui informado sobre este livro "Venusdienst - Karin Freiwald - Meine Jahre als Hure" („Venus Service - meus anos como prostituta“) por um amigo quando ele

estava na Internet. E enquanto o lia, encontrei - puramente por acaso - uma passagem (página 34 e 35) na qual meu site foi citado:

Em um site (www.basisreligion.de), encontrei recentemente uma argumentação sobre o tema das bimbos, que descreve muito apropriadamente as raízes de uma certa impressão de comportamento: "Entretanto, antes de virarmos o nariz para uma garota tão supostamente imoral, devemos nos conscientizar de quem é realmente imoral aqui. Como uma garota assim se saiu no passado? Ele não foi antes ensinado a uma moral de escravo com todos os tipos de tabus e medos desde a infância, exigindo assim sua estupidez e ingenuidade? Ele não foi sempre levado a acreditar que a vergonha era o epítome de toda a moralidade, e isso não o estava enviando na direção errada e o estava deixando bastante curioso por mais"? (Nota: desde então, tenho vindo a preferir uma linha de argumentação diferente, que espero seja mais atraente).

Acho que posso estar justificadamente orgulhosa de que uma prostituta, uma mulher do ofício, por assim dizer, concorda comigo (ou seja, uma teóloga!) que os jovens estão sendo enviados na direção errada com sua predisposição para uma moralidade (sexual) elevada. Os casos de abuso de que tanto se fala hoje são certamente muito ruins, mas eu acho que eles são apenas a ponta de um iceberg: Nós simplesmente não temos um clima cultural favorável à moralidade - e as religiões são as principais culpadas por isso! Porque desde a infância, as pessoas aprendem - especialmente através das religiões - nenhuma moralidade real, mas apenas uma pseudo-moralidade, ou seja, a da vergonha (ou também da hostilidade para com o corpo). Uma verdadeira moralidade, especialmente nos jovens, especialmente nas meninas que ainda não têm "experiência sexual", que certamente têm uma certa curiosidade, mas não (ainda) qualquer obrigação de repeti-la, deve vir da consciência e não do traje de banho ou do biquíni. Mas é precisamente neste tipo de consciência que as religiões não têm interesse. E nem as religiões nem ninguém mais está fazendo nenhuma pesquisa sobre isso, embora seja precisamente aqui que algo pode ser feito!